

Parte 5 - Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo

Reflexões sobre geografia e homoerotismo: representações e territorialidades

Benhur Pinós da Costa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, BP. Reflexões sobre geografia e homoerotismo: representações e territorialidades. In: SERPA, A., org. *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 355-390. ISBN 978-85-232-1189-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Reflexões sobre Geografia e Homoerotismo

Representações e Territorialidades

Benhur Pinós da COSTA

Professor, Universidade Federal do Amazonas
pinos@portoweb.com.br

Contradições na condição homossexual: a diversidade homoerótica e a emergência de microterritorializações

No trabalho “A condição homossexual e a emergência de territorializações” (COSTA, 2002), salientamos a condição estigmatizada do homossexual, tomado como anormal e perverso pela Santa Inquisição – noção que persiste até 1821 (MOTT, 1988) – e depois caracterizado por desvio e transtorno sexual (GUIMARÃES, 2007).

A criação do termo homossexual, cunhado pela médica húngara Karoly Maria Benkert, em 1869, marca um modelo binário para o comportamento sexual: ou o indivíduo mantinha uma “saudável” vida sexual “hetero”, ou estava preso a um transtorno chamado homossexualismo. Por esse viés, toda a sexualidade humana, no mundo moderno, estava fadada a esses dois pólos ordenadores dos comportamentos sexuais.

Segundo Costa (1992), sexualidades emergem a partir do século XIX como construtos teóricos nascidos da racionalidade científica ou com tensões a ela. O autor remete a Kraft-Ebing, que, em seu livro **Psychopathia sexualis**, desenvolve, com base no evolucionismo e no positivismo naturalista do século XIX, noções de ordem e desvio naturais, classificando todas as aberrações e anormalidades sexuais. Kraft-Ebing também estabeleceu uma distinção entre os “normais”, que copulam com pessoas do mesmo sexo, e os “perversos”, que somente se excitam com partes do corpo de pessoas (assim como de animais), sem ter compromisso de reprodução. Entre essas duas classificações identifica os “invertidos”, que só sentem desejos por pessoas do mesmo sexo. Mas a homossexualidade, como construção teórica, que acabou impregnando-se no tecido social, identificando de forma simplória a diversidade de atrações homoeróticas, como pólo contrário à heterossexualidade, emerge, segundo Costa (1992), por incrível que pareça, como instrumento de denúncia social.

Escritores *same sex oriented*, da passagem do século XIX para o XX, procuram encontrar saídas que amenizem a idéia do invertido perverso; no entanto, fundam a síntese dos traços comuns que identificariam o “homossexual”, acabando, da mesma forma, por classificar e polarizar as diferentes subjetividades e expressões sexuais humanas. Escritos de Balzac, Proust e

Wilde procuram denunciar a hipocrisia dos costumes emergentes da burguesia moderna industrial e dos padrões e representações da sociedade urbana emergente. Para esses autores, o “homossexual é um *outsider* cuja preferência amorosa desfaz o silêncio tecido pela sociedade em torno de sua origem e funcionamento escusos” (COSTA, 1992, p. 45). Porém, ao denunciar a sociedade hipócrita, a literatura sobre a homossexualidade cria um ser homossexual e, assim, acaba contribuindo para a polarização da sexualidade e a organização das expressões vinculadas a ela. Dessa forma, mesmo como críticos à sociedade, tais autores contribuem com a ordem ascendente. Segundo o autor (COSTA, 50-55), os discursos apresentados são estes:

- a) defesa do homossexual como um marginal ou como um rebelde romântico: o homossexual seria uma espécie de bom selvagem em meio à selva parisiense do século XIX, um homem apto a subverter moralmente a sociedade, como tratado por Balzac;
- b) a transgressão homossexual vista como mera submissão aos mandamentos do instinto; homossexualismo como sexo animal, sem freios, vergonhoso e imoral, como abordado por Adolfo Caminha em “O bom-crioulo”;
- c) homossexualismo relacionado às leis da evolução de Darwin: o Homossexual é um exemplar da natureza, mas de natureza especial, a natureza depois da queda, depois de banida do Éden pelo castigo dos deuses. Ele é visto, por exemplo, em Proust, como descendente da raça de Sodoma, dos que escaparam à ira de Deus. O homossexual, assim, é a transfiguração do infame. Os sodomitas se encontram e se atraem, porém o encontro inevitável não leva à reprodução biológica. O produto desse acasalamento é a fecundidade espiritual, uma fertilidade superior, que gera o belo, o artístico, o amor pelo elevado. O homossexual, assim, teria uma refinada sensibilidade. À imagem do homossexual depravado, perverso e corruptor de menores, Proust opõe o retrato do sodomita aureolado de flores, pólenes, insetos e delicados aromas;
- d) homossexual como ser em conflito. Em Gide, o homoerotismo é um caso particular da luta entre o bem e o mal, o pecado e a virtude, a

falta e a reparação, a carne e o espírito, a razão e a emoção, o hedonismo e o ascetismo. O homossexual é um ser dilacerado, um exemplo da divisão infeliz e da divisão ontológica do sujeito.

e) outras correntes:

- relações homoeróticas como latência perversa que todos possuímos: homoerotismo como etapa da vida (pertencente à infância) que deve ser meticulosamente vigiada e punida para ser controlada e esquecida. Se persistir, se degenera em atrocidades inconcebíveis. Costa cita Raul Pompéia, Musil, Forster, Stephen Spender e Gide como autores que desenvolveram essa idéia;
- homossexualismo de quartel: novelas como **O Bom Crioulo**, de Caminha, **O oficial prussiano**, de Lawrence e **Golpe de misericórdia**, de Yourcenar. O sono da repressão produz monstros. Em ambientes militares inflexíveis e rígidos, homoeroticamente inclinados entregam-se em verdadeiras orgias de brutalidade contra as vítimas de suas aspirações sexuais. O desejo amoroso torna-se uma descida aos infernos;
- homossexual moderno e sua matriz exótica, cumprindo três funções básicas:
 - superioridade do burguês branco, civilizado, metropolitano e colonizador: Gide, em **O grão não morre** e **O imoralista**, desloca o homoerotismo para a África do Norte, e, em meio às dunas, areias escaldantes, absinto, danças do ventre e “peles escuras”, qualquer desvario sexual justifica-se. Todo imoralismo torna-se parte da aventura colonizadora. Pecado e falta fazem parte de terras cristãs e civilizadas. Junto aos fracos e infelizes, tudo é permitido ao forte;
 - o homossexualismo relacionado à face decadente e fantasmática da aristocracia, sendo contraface da saudável sociedade burguesa: para Gide, o homossexual é o exótico submisso e atrasado; para Proust, é o arcaico, o pano de fundo pálido, onde desfilavam a vitalidade, o progresso e o expansionismo do imperialismo burguês.

- . homossexual como “transfuga” de classe (Foster e Gide): não podendo exercitar sua perversão entre pares, recorre à dissimetria social e faz-se aceitar por aqueles que não possuem a moral do verdadeiro cidadão (burguês).

Costa (1992) procura mostrar que, a partir da literatura e da medicina, desde a passagem do século XVIII para o século XIX, funda-se a idéia identitária do “homossexual” como construção teórica importante da cultura moderna, que irá encaixar as pessoas orientadas para o mesmo sexo. As caixas da identidade forçam a diversidade humana a orientar-se para alguma classe teórica, e isso é um dos principais fundamentos da sociedade moderna organizadora, de acordo com Giddens (2002). Dessa forma, os próprios desejos humanos referentes ao sexo, ou seja, o erotismo, tornam-se encaixados em descrições (PARKER apud COSTA, 1992, p. 44). Nesse sentido, a homossexualidade representa um conjunto identificatório, desviante e contraditório ao normal heterossexual, que torna convergente uma infinidade de desejos sexuais orientados entre pessoas do mesmo sexo. Esses sistemas de classificações representam a qualidade do sistema cultural supra-orgânico moderno que pressiona os indivíduos à auto-identificarem-se (GIDDENS, 2002). Os sistemas classificatórios modernos apresentam-se por sua racionalidade positivista binária, que legitimam pólos aceitos e não-aceitos pelos poderes que impregnam e constroem o social: o feio e o bonito, o certo e o errado, o desenvolvido e o subdesenvolvido, o selvagem e o civilizado, o heterossexual e o homossexual.

Por outro lado, também na segunda metade do século XIX, e também na Hungria, o médico Sandro Ferenczi¹ (COSTA, 1992) cunha o termo homoerotismo, demonstrando a insuficiência teórica do termo “homossexual”, para o estudo da diversidade dos desejos e das expressões eróticas entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, provavelmente devido à manutenção de um *status quo* centrado na procriação, na célula-mestra da sociedade moderna - a família -, na hereditariedade e nas condições morais e dos bons costumes relativos aos gêneros sexuais, o que mais largamente se utilizou nos estudos médicos e o que mais largamente se popularizou foi o termo “homossexual”, conotando um desvio e uma antinorma.

Costa (1992) e Braga Junior (2006) observam como a figura do homossexual imoral foi reforçada pela literatura do final do século XIX e início do

século XX. Costa analisa os escritos de Balzac, Gide e Proust, e Braga Jr., aqui no Brasil, os livros de Caminha e Raul Pompéia, cujas figuras desviantes dos homossexuais se misturam à condição assimétrica dos gêneros sexuais, pela qual o feminino se estabelece como condição inferiorizada à masculina, definindo um elemento marcante da família patriarcal burguesa, nos países do centro e, principalmente, na tradicional família com origens coloniais brasileiras. O homossexual nessa literatura é mostrado como doentio, um ser incapaz de conter os instintos. Além disso, o homossexualismo é relacionado a uma ação em um contexto de sujeitos interagindo sob repressão e submissão, cuja “penetração anal” representaria o domínio dos mais fortes em relação aos mais fracos. O homossexual será o passivo dominado frente ao dominador masculino, ou seja, um homem que é penetrado e sujeito ao prazer do macho dominador, nesse sentido, assumindo o papel feminino, um ser, naquele momento, sujeito ao desprezo. Esse contexto, de acordo com Fry (1982), estabelecerá popularmente um modelo “homossexual hierárquico”, constituído pelas figuras da *bicha* (um verme), ou seja, o passivo, que assume o papel feminino na relação sexual, e o *bofe*, o macho, cujo papel de penetrador não altera sua figura masculina e nem sua condição de heterossexual.

Butler (2003) observa que na sociedade moderna ocorre uma “heterossexualização do desejo”, ou seja, a invenção de uma norma que enquadra a vida sexual dos sujeitos e os define quanto as suas práticas sexuais e quanto ao desempenho de papéis nas relações. Nesse sentido, construíam-se posições assimétricas de masculino e feminino em que, no seio das instituições família, escola e trabalho, os sujeitos deveriam cumprir um *script* que constitui os comportamentos, as formas de falar, de vestir, de agir e de se relacionar. O sexo deve estar condizente ao gênero, em todas as circunstâncias das vidas pública e privada, e, caso isso não ocorra, a sombra do desvio homossexual acaba corrompendo a “identidade sadia” do sujeito. Nesse sentido, a idéia de gênero (BUTLER, 2003) implicaria, segundo Gagnon (apud GARCIA, 2003), um sistema cognitivo estruturado, ou seja, um *script*, que não são propriedades cognitivas de atores isolados, mas parte integrante de uma estrutura social. Assim, para Butler (apud BRAZ, 2006), o gênero seria a estilização retida no corpo, ou seja, um conjunto de atos em uma cultura reguladora que irá constituir a “heterossexualidade normativa” (grifo nosso), estabele-

cida por um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas.

Nesse sentido, a heterossexualidade e a homossexualidade vão acomodar o sexo e os sujeitos em um conjunto de representações que estabelecerão significados reguladores da sexualidade. Esses significados representativos, de acordo com Moscovici (apud LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002), traduzem um pensamento do senso comum sobre a sexualidade, próprio da sociedade contemporânea. Assim, conforme os estudos de Costa (1992, p. 153), o homossexualismo é associado à continuidade e à constância de relações homoeróticas, passividade no coito, passividade de atitudes e ausência de agressividade, efeminamento de maneiras e modos de falar e gosto por atividades lúdicas e profissionais tidas como femininas.

De acordo com Braga Junior (2006), em virtude da ação de redes multiculturais inseridas na emergência da globalização, a partir dos anos 1960, a homossexualidade sofrerá um descentramento. O final dos anos 1960 é marcado pela emergência das “minorias” culturais, em um contexto que, de acordo com Vallerstein (1995), representa a explosão dos movimentos sociais contra a desigualdade (econômica e cultural) e o descrédito contras os discursos e teorias que pregavam a perfeição e o progresso da sociedade enquadrada em modelos “corretos” a serem seguidos. A marca da história do movimento homossexual mundial (UNIDOS PELA CAUSA: PROCESSO MODERNO ESTABELECE VISIBILIDADE PARA O MOVIMENTO GAY, 2007) foi a noite de 28 de junho de 1969, na qual homossexuais reagiram - com garrafas e pedras, gritando frases como “poder gay” e “sou bicha e me orgulho disso” - ao fechamento, por policiais, do bar *Stonewall Inn*, no *Geenwich Village*, em Nova Iorque. Esse fato passou a ser comemorado em todo o mundo como “Dia internacional do Orgulho Gay”; comemoração que, no Brasil, teve a estréia em 1995. Em virtude da pressão dos movimentos homossexuais, emergentes desde então, e principalmente devido às discussões sobre a AIDS e à ampliação do debate sobre o homossexualismo, a partir dos anos 1970/1980 (ver COSTA, 1992; TREVISAN, 2000; GREEN, 2000; PARKER, 2002), a Associação Psiquiátrica Americana retirou o homossexualismo da lista de transtornos mentais em 1973. Em 1985, o homossexualismo perde no Brasil o caráter de desvio e transtorno sexual e, em 1993, a Organização Mundial da Saúde adota o termo homossexualidade no lugar de homossexualismo

(identificador de doenças). Em março de 1999, entra em vigor a resolução nº 001/99, do Conselho Federal de Psicologia, reiterando que a homossexualidade não constitui doença, distúrbio, nem perversão (GUIMARÃES, 2007).

Em virtude da emergência dos movimentos sociais e do debate sobre a AIDS, a homossexualidade entra em cena não mais como uma anormalidade ou um desvio a ser estudado em sujeitos definidos como transtornados psíquicos e pervertidos sexuais. Emerge, então, um movimento político, que prega agora a luta pela existência de uma comunidade, com uma estratégia de afirmação da identidade social. Nesse sentido, de acordo com as idéias de Louro (2001) e Parker (2002), observa-se uma outra etapa na construção do que seria o sujeito homossexual. De anormais e perversos, para portadores de patologia e seres atormentados², os homens orientados para o mesmo sexo a partir de então se inserem numa cultura “diferente” e minoritária entre as tantas existentes e emergentes no pós-anos 1960 e 1970.

De acordo com Louro (2001), no final dos anos 1970, a política gay e lésbica se encaminha para um modelo que poderia ser chamado de “étnico”. Gays e lésbicas são representados como “um grupo minoritário, igual mas diferente”, ou seja, um grupo que busca alcançar igualdade de direitos no interior da ordem social existente. Afirma-se, no discurso e na prática, uma identidade homossexual, denominada gay por seus defensores. A afirmação pública gay, causada pela presença do movimento nas ruas e na mídia, cria o discurso de invenção de uma “comunidade”³, no qual os lemas “assumir-se” ou “sair do armário” são importantes para o fortalecimento dessa identidade e da cultura que precisa existir. A comunidade⁴, nesse sentido, seria abrigo e proteção a todos os que se atraíam sexualmente por outros do mesmo sexo, e expressaria uma cultura que iria imprimir as marcas de uma diferença de existência possível no meio social. Funda-se a “cultura gay”⁵, que vai marcar um modelo alternativo de vida (estética, consumo, prazeres, gostos, linguagens, etc.), porém minoritário, fato que, de certa forma, não coloca em risco o padrão heterossexual e as condições de gênero. Louro (2001) afirma que a representação positiva de uma identidade gay apresenta um efeito também regulador, pois estabelece uma dada posição-sujeito, com seus contornos, limites, posições e restrições.

Assim, emerge uma cultura gay, fundamento da construção de uma comunidade de indivíduos que, mesmo dispersos, assumiam-se como tal.

Fry (1982) observa que nesse momento, junto às camadas médias urbanas, emerge um modelo “igualitário” que contradiz o hierárquico tradicional das dicotomias *bicha* e *bofe*. No final dos anos 1950, a tese de José Fabio Barbosa da Silva, republicada por Green e Trindade (2005), observa os elementos constituintes de uma cultura gay como expressão dos valores homossexuais: a conversação sobre sexo, a dança, o flerte sem conseqüências, a adoção e o exagero do comportamento feminino e a afetação na fala. O show de transformismo e o desfile de moda do travesti tornam-se formas extremas desse caráter. Esses elementos marcam a cultura de uma minoria como “uma visão privada de cultura desenvolvida pela maioria” (SILVA, 2005, p. 120). Em virtude do caráter positivo gay, estabelecido pela emergência do movimento político e pela divulgação da valorização estabelecida em *Stonewall* (“sou bicha⁶ com orgulho” e “poder gay”), os indivíduos orientados para o mesmo sexo, em meio a tantas tensões entre a sociedade heteronormativa, acabam convergindo à proposta cultural gay e intensificam os contatos com essa minoria pela participação efetiva nos lugares de encontros do grupo. Muitos indivíduos homoeróticos, dispersos e à deriva⁷, atormentados em meio aos preceitos da sociedade heteronormativa, então convergem a lugares de expressão da cultura gay, que os protegem, vislumbram e estimulam. O *gueto gay* toma força em virtude do poder gay instaurado. A marcação e a divulgação da diferença possível e acolhedora amenizam os sofrimentos de muitos que não vêem mais possibilidades, nem de conter, nem de exercer seus desejos. Os lugares de encontros gays sempre existiram⁸, porém nunca foram tão positivamente marcados por uma cultura possível, como a partir dos anos 1960. A eles vai convergir uma gama de indivíduos orientados para o mesmo sexo, que serão abarcados pelos elementos culturais expressos nesses lugares e incentivados a participar da invenção de uma comunidade gay imaginada, que vai marcar positivamente uma nova cultura, que contribuirá mais uma vez para a unificação das expressões homoeróticas⁹. Concomitante a esse processo - e em momento de expansão de um capitalismo que busca no prazer, no fetiche e na diferença a ampliação do consumo -, explode uma série de lugares gays de convivência marcados pelo consumo (bares, saunas, boates, casas de shows, cinemas, etc.). Por esses lugares, uma cultura gay se transnacionaliza, inserindo e produzindo seus modelos de consumo: as bebidas, as músicas (das divas da *dance music*), os elementos estéticos da moda

(disseminando modelos aos gays urbanos de classe média) e os elementos relacionais (assuntos, formas de expressão, temas de discussão, vínculos com a mídia, entre outros), que dão corpo a uma cultura mais ou menos unificada na rede de relações gays do mundo todo. Na continuidade do processo, uma publicidade gay toma o espaço público nas bancas de revistas, nas novelas e nos programas televisivos. Nesse sentido, a produção de um mercado, que se torna acessível e de contato pela publicidade e pela mídia, atrai aqueles orientados para o mesmo sexo a ter uma experiência territorializada em lugares que acabam tornando-se específicos ao consumo desse público. De certa forma, isso vai fortalecer a formação de uma identidade gay que contém os atributos relacionais e comportamentais de uma cultura gay produzida nos lugares de convivência e de consumo fechado de indivíduos orientados para o mesmo sexo. Nas grandes cidades, para as quais convergem as atenções de ações capitalistas vinculadas aos investimentos no oferecimento de serviços culturais destinados a públicos cada vez mais diversos, os bares e as boates de encontros homoeróticos se disseminam e fazem convergir uma gama de indivíduos interessados por esse tipo de convivência. O resultado é a produção de uma cultura que envolve a territorialização do encontro homoerótico, na qual a festa, a dança, a música, a produção estética das vestimentas, o glamour e o brilho tornam-se elementos importantes à convivência que busca a alegria e a liberdade de expressão.

Parker (2002) observa uma descontinuidade nos atributos de uma cultura gay emergente no Brasil. Por um lado, ocorrem a manutenção e a valorização das relações comparativas aos atributos de gênero tradicionais no país, implicando as dicotomias bicha e bofe, cujas caricaturas vão promover uma visão debochada da sociedade tradicional – fato que marcará, então, uma cultura gay brasileira. Por outro lado, também observa a emergência de um novo personagem, ou seja, o “entendido” dos anos 1980, que paulatinamente será substituído/confundido pela palavra “gay” propriamente dita. De “gay”, componente do exagero feminino ou do efeminamento dos corpos masculinos, como expressão positiva, vamos ter o “gay” do final dos anos 1980 (ou “entendido”), como uma auto-identificação comum entre homens não-caracterizados como efeminados (nos comportamentos e estéticas), cujo modelo se tornará mais próximo ao “padrão igualitário”¹⁰ dos moldes norte-americanos.

Monteiro (2000) observa essas discontinuidades a respeito do que poderíamos definir como uma cultura gay no Brasil, que já apresenta discordância quanto a sua unidade. O interessante trabalho do autor verifica propostas diferenciadas em relação à construção de “publicidade gay” brasileira. O autor verifica as propostas diferenciadas nas revistas **Sui Generis** e **Homens**. A primeira estaria marcada pelo incentivo à promoção de uma comunidade gay mais ou menos homogênea, na lógica do *gay positive*¹¹, incentivando a construção de uma comunidade por evidenciar o “retrato” de uma unidade e um conjunto de virtudes e problemas pertencentes a todos. De acordo com o autor, a constituição corporal na revista preza pela figura da virilidade masculina e pelas formas musculosas, contrastando com a proposta de valorização do efeminamento, elemento que poderia também definir os fundamentos de uma cultura gay. A revista prega a necessidade de assumir-se, “sair do armário”, da constituição de uma comunidade unificada, dos temas sobre preconceito e promoção de um consumo dito gay a todos pertencentes a essa comunidade. Por outro lado, a revista **Homens** centra-se numa variabilidade de personagens que transitam por um “mundo gay” (bichas, bofes, travestis, michês) e que vão configurar-se ao redor de suas práticas sexuais. Em um primeiro momento, observa a ocorrência de contatos entre o que seriam heterossexuais e o que seriam homossexuais em tramas marcadas de fantasias erotizadas pelas práticas sexuais, que transitam nas experiências cotidianas. Em um segundo momento, a revista não vai preocupar-se com a militância ou com temas referentes ao preconceito, fundando uma diversidade de personagens que até fortalecem as divisões tradicionais entre “ativo” e “passivo”, típicos da manutenção dos gêneros na sociedade heteronormativa. Nesse sentido, a análise do autor sobre essas duas revistas coloca em questão um complexo mundo de desejos e de relações homoerotizadas, que podem circular tanto por atributos referentes à homogeneização de uma cultura, assim como pela fluidez de suas expressões, configurando personagens e formas de contato e agregação múltiplas e instáveis¹².

Tonely e Perucchi (2006) observam que, relativamente à construção binária dos gêneros sexuais, ocorre a cristalização dos sujeitos sexuais, mulher e homem, e, inserido no contexto desses gêneros, se fortalece a “sujeitificação” da homossexualidade (PARKER, 2002). Isso ocorrerá, como vimos, pela

definição de homossexual contida na medicina, na psiquiatria e na literatura do mundo ocidental, além da popularização de uma cultura e de uma identidade, que farão pertencer, de forma unitária, todos os indivíduos orientados sexual e afetivamente para o mesmo sexo. No entanto, Hall (2002) verifica que, no mundo dito “pós-moderno” (concebendo como pós-moderno as transformações culturais ocorridas por volta dos anos 1960 e 1970, que culminam num trânsito constante de culturas e identidades), ocorrem a fragmentação e o deslocamento de identidades culturais de classe, etnia, sexualidade, raça e nacionalidade. Tonely e Perucchi (2006) também citam o autor, mas observam que a identidade não se apresenta hoje fragmentada, como evidência de uma condição pronta, mas como “uma unidade inacabada e fluida, constituída histórica e culturalmente a partir das posições que os sujeitos ocupam nas redes de socialidade”. Seguindo essa idéia de identidade fluida e inacabada, Braz (2006), estudando o contexto homoerótico *leather* (que significa couro, no qual ocorre uma “hiper-valorização” da masculinidade), verifica que, em contextos territoriais fechados a essas reuniões “sexuais”, homens “codificariam os sujeitos desejantes/desejados e os objetos desejantes/desejados como masculinos”. Nesse sentido, nos lugares de reunião *leather*, ocorre uma rearticulação e um deslocamento de convenções sobre o sexo e o masculino. Na conclusão do autor, ocorre uma “contextualização materializada dos sujeitos”, ou seja, suas existências são criadas a partir de suas práticas¹³. Assim, enfatizamos a concepção de identidades que não estão fixas, mas acabam fluindo em contextos diferenciados, nunca se finalizando, mas estando sempre em processos de construção de socialidades móveis. É nesse sentido que, em momento de fluidez identitária, não mais serve a estanque identificação homossexual. Observamos a emergência de contextos e de sujeitos criados pelos contextos, nos quais identidades são criadas para servirem de “porta-vozes” para a desconstrução de paradigmas heteronormativizados, segundo Braga Junior (2006). É nesse sentido que emerge a idéia de homoerotismo, que vai aproximar-se da idéia de que as sexualidades humanas (e os desejos homoeróticos) são cambiantes e expressos em múltiplos contextos, tão diversos quanto as práticas dos grupos que os exercem.

Braga Junior (2006) observa que a própria construção de uma “comunidade gay” enfraquece a unidade em torno do sujeito homossexual, uma vez

que fortalece o sentimento de pertença a uma “personagem coletiva, mutante e provocadora”. A emergência do homoerotismo, em virtude da fluidez cultural pós-anos 1960, desculpabiliza indivíduos orientados para o mesmo sexo e, como tendência-reação, ocorre a “carnavalização” das estéticas e dos comportamentos de gênero em inúmeros contextos polifônicos instáveis e constantemente construídos e reconstruídos. A polifonia da cultura gay, segundo o autor, torna-se evidente a partir da transnacionalização da mídia e da plasticidade do mercado da publicidade, da moda e da música, ou seja, torna-se vinculada a uma cultura *pop* pulsante que divulga e mistura constantemente estilos que detonam qualquer unidade identitária. Para o autor, o marco desse processo foi o surgimento da MTV norte-americana, em 1983, e o da brasileira, em 1990. O evento fundador do *pastiche* pós-moderno é a apresentação de Madonna no primeiro *MTV Music Awards*, com a música/performance *Like a Virgin*. Pela cultura da música, do videoclipe e das divas pop, emerge a paródia *camp* (excesso, carnavalização, *pastiche*), como representação pastichosa da realidade dos elementos heteronormativos. A cultura gay, como uma “visão delirante das coisas”, abre-se, então, ao experimento, à mistura, à irreverência, à multiplicidade de contextos e de sujeitos, ao sempre novo e à reinvenção de tudo.

Louro (2001) verifica que a AIDS, nos anos 1980, promove, em plena ascensão do movimento político gay, a retomada da homofobia. Caracterizada como “doença gay” a homossexualidade começa a ser vista como “coisa que se pega”. Por outro lado, a AIDS possibilita uma retomada sobre as discussões acerca da sexualidade, do gênero e da homossexualidade, deslocando os discursos sobre identidade e enfatizando os debates sobre as práticas sexuais (como a prática do sexo seguro), segundo a autora. Nesse sentido, em relação aos grupos políticos organizados e às teorias sobre a questão, nesse período, evoca-se, por um lado, a necessidade da criação de uma identidade que busque a igualdade e a cidadania (direitos homossexuais), mas, por outro lado, emerge um novo contexto de desafio generalizado a qualquer padronização identitária, cujos movimentos (intelectuais, culturais, políticos e artísticos) procuram desvendar e criticar todas as binaridades existentes, principalmente a que define os gêneros sexuais, e querem colocar em pauta todas as relações de poder existentes nas categorias sociais tidas como fixas. Emerge assim uma teoria pós-identitária chamada *Queer* que, segundo

a autora, pode ser traduzida como excêntrico, raro, extraordinário, estranho e ridículo, mas que significa colocar-se contra a normalização, representando as diferenças que não querem ser assimiladas ou toleradas. A teoria *Queer*, segundo Louro (2001), é uma construção inserida num quadro do pós-estruturalismo e da pós-identidade e que pode ser assimilada desde a desconstrução de Freud sobre a vida psíquica do indivíduo; perpassando Lacan, que instaura a divisão do sujeito instável e não coeso, e as teorias que denunciam a autoritária racionalidade moderna, como em Foucault, pela análise dos múltiplos discursos de controle da sexualidade, e em Derrida, pela denúncia dos binarismos que impregnam a lógica ocidental moderna, que fixa a identidade dos sujeitos e de seus opostos desviantes. Nesse sentido, emerge uma nova forma de pensar a ambigüidade e a fluidez das identidades (sexuais), mas também uma nova forma de pensar a cultura, o conhecimento e a ciência.

Por esse viés, observamos que chegamos a um contexto de inúmeras representações sobre os desejos homoeróticos em que, ao mesmo tempo, todas se interpenetram e todas se tornam insuficientes. Observamos que a sociedade, em relação aos desejos e às espontaneidades homoeróticas, apresenta-se por forças que agem dialeticamente, tanto favorecendo a constante necessidade de regramento e enquadramento desses desejos, como possibilitando inúmeras fugas de tais enquadramentos, que culminam nas expressões de sujeitos desejanter em atos e ações de “comunhão” diversas. Assim, verificamos que os sujeitos homoeróticos não se apresentam em uma unidade homossexual ou gay, mas são contextualmente materializados. Nesse sentido, o que verificamos é a existência de uma complexa geografia, pela qual se fundam inúmeros contextos territorializados, nos quais fluem diferentes expressões individuais quanto a suas relações/experiências homoeróticas. A interpenetração das subjetividades dos sujeitos participantes dá corpo às microterritorializações existentes nas redes homoeróticas caracterizadas pelo contexto “aqui e agora” de existência. Nas microterritorializações fluem tanto desejos desregrados, espontâneos e definidos pelo acaso das relações, como regras de comportamentos e elementos condicionantes da cultura heterossexual, ambas situações apresentando diferentes níveis e interpenetrações.

Não mais totalmente perversos e anormais, os indivíduos orientados para o mesmo sexo, ao se (micro)territorializem, se encontram em escalas diversas entre o visível e o não-visível, entre a abertura e o fechamento ao exterior, entre o trajeto de deriva e o ponto de agregação e entre suas condições de “tipo igualitário” ou “hierarquizado” (lembrando os modelos de FRY, 1982). Os desejos homoeróticos microterritorializam-se em inúmeros contextos que ora trazem o caráter desviante e unificador da sujeitificação homossexual; ora a homogeneização de uma minoria cultural gay; ora o desmanche, o experimento, a irreverência e o pastiche *camp*; ora a desconstrução e a negação generalizadas do controle na teoria *Queer*.

Na dialética da sociedade, entre eventos verticalizadores e autoritários, que procuram normalizar as expressões em identidades estanques, e a emergência imprevisível das espontaneidades e dos prazeres humanos, o que importa é a localização das práticas coletivas, contestatórias ou não, e a imposição dos significados a tais localizações, entre as muitas de um espaço social fluido, múltiplo e instável. Nesse sentido, as experiências, socialidades e expressões homoeróticas, seguindo as idéias também de Parker (2002), são mais condições de um “circuito” homoerótico – de inúmeras, fluidas e instáveis territorializações de desejos expressos em formações coletivas – do que uma condição única e impressa em todos os indivíduos. Essas microterritorializações vão abarcar as diferentes subjetividades nas quais a identidade do participante não é relevante, mas sim suas disposições ao local e a como ele pode encaixar-se no perfil do parceiro desejado, nas habilidades de relacionar-se com os outros e o conhecimento sobre a agregação, que existe como tal, assim como os modos coletivos de uso do espaço (LEAP apud SIVORI, 2002).

Perlongher (2005, p. 264) observa a importância da abordagem territorial para representar as categorias de auto-definição sexual “como pontos dispostos em redes circulatorias, numa relação de contigüidade e mesmo de mistura”. O lugar – as relações que se tecem e que tecem o lugar – é que define os sujeitos. Nesse sentido, de acordo com o autor, as “identidades” seriam substituídas por “territorialidades” e, por esse conceito, poderíamos apreender como “os sujeitos se definem mutavelmente a partir de ‘posições’ e ‘trajetórias’ (ou ‘derives’) variáveis dentro de uma rede, bem como a participação em diferentes redes” (PERLONGHER, 2005, p. 265). A territorialia-

lidade, assim, seria expressa por um “código-territorial”, que distribui atribuições categoriais a corpos e desejos em movimentos.

Nesse sentido, pelas instabilidades conferentes ao homoerotismo – mesmo com uma gama de definições construídas que procuram o enquadramento e a organização da sexualidade, definindo um ser homossexual ou gay – é o território de encontro - constituído por um código-territorial ou territorialidade (expressões que singularizam e asseguram a agregação territorial) - que constituirá a possibilidade de existência das relações afetivas de indivíduos orientados para o mesmo sexo, a troca de experiências e o conforto coletivo. Nesse sentido, a identidade apresenta-se como a projeção dos indivíduos quanto aos “enquadramentos” determinados pela sociedade; porém, em relação aos quadramentos identitários, complexidades micro-coletivas se fundamentam nos territórios de encontro delas e definem uma diversidade de atributos individuais construídos pelos “campos” de vivências de certas práticas culturais localizadas. A identidade existe como determinantes individuais da sociedade e elas se multiplicam em virtude das diversas territorialidades daquilo que elas não conseguem aprender ou apreendem em termos.

Essas territorialidades, ao mesmo tempo, agregam aquilo que as identifica e que foge das identificações contidas como banalidades sociais, assim como propõem outros estados individuais e coletivos, afirmando as indefinições dessa sociedade. Tais territorialidades apresentam-se como diversidades representativas e simbólicas, como apoio material dos encontros coletivos delas, em grande escala (microterritorialização), apoios materiais delimitados no tempo e no espaço, mas, ao mesmo tempo, instáveis, efêmeros, flutuantes, transitórios e mutantes, sendo produtos da dialética entre ordem e desvio, racionalidade e espontaneidade da sociedade.

Por outro lado, elas são expressão do “contra” e do “a favor” (MAFFESOLI, 2002) à sociedade: contra, pela necessidade de combater o controle; a favor, pela existência de elementos discursivos e relacionais que reproduzem o próprio controle. Nesse sentido, elas são condições “dentro” e “fora” da sociedade, representando, assim, mais a existência de um espaço social orgânico, instável, caótico e mutante do que a de uma sociedade plenamente estruturada e organizada.

A necessária territorialização das relações homoeróticas

Podemos entender o exposto até agora, observando o caso do estudo sobre a condição homossexual. O conceito de homossexualidade deriva de uma condição de desvio social (COSTA, 2002), em contraposição a uma normalidade ou a um conjunto de práticas, formatos de comportamento, expressões de sentimentalidades e prazeres componentes das determinações de gênero sexual e da heterossexualidade. Na construção da condição homossexual, esse termo assegurou a identificação de uma homossexualidade desviante dos padrões da maioria heterossexual e identificou-a como uma categoria paradoxal possível encontrada nas relações em sociedade. Tal termo amenizou um pouco a história de perseguição violenta a homossexuais¹⁴.

Segundo Mott (1988, p. 123-126),

[...] além de ameaçar a sempre instável e questionada ordem estamental vigente, realizaram certas fantasias (os sodomitas) que a maioria dos mortais tanto cobiçava, sem contudo concretizá-las por temor da repressão judiciária ou do repúdio social. [...] Mais do que derramar semente dentro do vaso traseiro, o que se temia e devia ser erradicado a ferro e fogo, era a tentadora alternativa erótico-social proposta pelos pederastas: a destruição da indissolubilidade compulsória do matrimônio; a dissociação do livre prazer sexual, liberto da abominável cadeia imposta pelo Levítico e Concílio de Trento, alforriado da procriação obrigatória; o rompimento das barreiras de idade, raça e condição socioeconômica nas interações erótico-sentimentais.

Em virtude do desenvolvimento de uma “literatura da homossexualidade”, segundo Costa (1992), desenvolveu-se a figura do homossexual extremamente sensível e muito propenso às atividades artísticas, mas, por outro lado, de uma pessoa incapaz de conter seus impulsos sexuais e revoltada com os padrões da sociedade. Em Gide e Proust, o homossexual aparece como um indivíduo importante para a crítica ao sistema, e, principalmente, um ser inquieto e confuso de sua própria identidade, que sofre de tormentos psíquicos constantes. Por esse viés, a condição homossexual saiu de uma

posição de anormalidade e de animalidade, propensa a práticas violentas de repressão, para uma especialização das relações homoeróticas e, ainda mais, para um “afunilamento” e organização da própria sexualidade humana em dois pólos possíveis: um plenamente aceito socialmente, o heterossexual, e outro desviante, digno de pena e propenso à cura, o homossexual.

Esses pólos, ainda presentes na sociedade atual, são mantidos ideologicamente por uma complexa teia de definições sociais divulgadas por mecanismos de informação e regramentos que se estabelecem na cotidianidade, movimentados por ações, comportamentos e pequenas medidas de repressão originadas de preconceitos que permeiam as relações face a face. Podemos falar, assim, de uma identidade homo e heterossexual, percebendo identidade, como já havíamos afirmado, como uma “moldura possível onde os sujeitos podem existir e se expressar, [...] na atualização de princípios de classificação social ordenado por valores que fabricam e situam o sujeito” (HEIBORN, 1996, p. 137). Nesse sentido, quaisquer formas de desejo sexuais estariam regradas por esses dois pólos, ou seja, tenderiam a ser identificadas através deles, e isso apresentaria um mecanismo eficiente para a organização social cotidiana da sexualidade e o controle dos desvios que contradizem o projeto de desenvolvimento e progresso modernos, centrados ainda em valores referentes à hereditariedade, ao matrimônio, à família e, principalmente, à racionalidade lógica binária, que definem os gêneros sexuais.

O que se observa é que esse modelo contradiz a tese de que a sexualidade humana é muito diversa e pode ser variável na biografia pessoal. O relatório Kinsey, mostrado no filme *Kinsey*, argumenta justamente isso: na tabela produzida por essa pesquisa em meados do século XX, verificou-se que a sexualidade humana pode variar de 0 (heterossexual exclusivo) a 10 (homossexual exclusivo) e que, entre 0 e 10, várias outras possibilidades podem estar presentes na biografia sexual individual das pessoas. Porém, como o próprio filme mostra, essa pesquisa foi extremamente refutada e reprimida por políticas conservadoras da época.

Em alguns trabalhos de Luis Mott¹⁵, podemos observar que a história da homossexualidade está relacionada a um dos grandes estigmas da humanidade. Mesmo com toda a perseguição, pessoas orientadas sexualmente para o mesmo sexo nunca conseguem abafar tal desejo. Muitas são mortas

por perseguições violentas, como na Santa Inquisição, e, já nos tempos modernos, durante o nazismo¹⁶. Na “idade da razão,” os desejos homoeróticos são envolvidos pelos estudos médicos e psiquiátricos, uma vez que tal sexualidade não mais poderia ser reprimida com violência, em virtude do desenvolvimento dos direitos humanos e do cidadão. Por outro lado, a partir da evolução dos instrumentos de comunicação e da formatação dos ideais da sociedade moderna, a homossexualidade, como um desvio sexual, serve de parâmetro à organização dos estímulos sexuais. A própria noção de uma sexualidade degradada, impura e desviante fortalece o outro pólo possível, baseado no romantismo do amor entre homem e mulher.

Os dois pólos sexuais serviram, e ainda servem, para balizar a sexualidade na modernidade e estabelecer comportamentos previsíveis quanto às necessidades de controle social. A partir daí, a homossexualidade desviante aparece condicionada à intimidade, assim como toda prática sexual. À afetividade homoerótica foi negado o domínio público, e isso acabou estabelecendo-se em lugares bastante escondidos na cidade: geralmente em períodos noturnos, em que a circulação familiar cessa; muitas vezes em parques, em períodos de esvaziamento, ou em zonas industriais, portuárias, no próprio centro da cidade ou em áreas de degradação imobiliária que se tornam vagas fora dos horários comerciais.

O homossexual carrega consigo um estigma, porém é difícil para ele a negação dos desejos homoeróticos. A pessoa orientada para o mesmo sexo estabelece performances cambiantes que possibilitam ora o encobrimento, ora a divulgação da identidade homossexual. O indivíduo se apropria dessa identidade, uma vez que ela mesma expressa um *locus* de regramento sexual pela própria binaridade em que essa identidade é originada e pela contraposição desviante que identifica esse regramento. No entanto, o projeto social de fixação de identidades sociais rígidas sempre foi problemático. As identidades são múltiplas, em virtude dos inúmeros processos de interação social previstos e não-previstos na modernidade, tanto entre agrupamentos sociais e comportamentos estabelecidos como normais, como em nomeações e generalizações de impulsos desviantes. Nesse sentido, o processo de fixação de identidades na modernidade ainda está em pleno desenvolvimento e luta para uma organização binária entre certo e errado, entre normal e anormal, entre feio e bonito e entre certo e desviante.

Todas essas classificações procuram produzir a ordem previsível do cotidiano em relação à complexidade das possibilidades determinantes das práticas individuais, tanto afetivas, como em relação à complexificação das estruturas de produção e prestação de serviços no meio urbano moderno. Assim, de acordo com Fortuna (1997), as situações ainda definem e são definidas pelas identificações entre os indivíduos em processos relacionais, já previstos pelo social - tanto os relativos à normalidade dessas relações quanto os previstos como desviantes -; porém, as identidades vão-se acumulando nos indivíduos, tornando-se transitórias, plurais e auto-reflexivas em relação a contextos em que se exigem performances e identificações definidas.

Goffman (1988), ao estudar os estigmas sociais, percebe que os indivíduos possuem uma ou algumas identidades virtuais e uma ou algumas identidades reais. As identidades virtuais remetem às performances, às representações que observam os indivíduos como atores sociais que devem representar uma cena lógica à situação dada. A identidade real remete à percepção que o indivíduo tem de si mesmo, sua intimidade, ou seja, o entendimento dos seus impulsos subjetivos em relação à realidade. O estigma visualizado pela construção da identidade homossexual está guardado na subjetividade individual e compõe a identidade real do indivíduo. O estigma identitário homossexual necessita ser encoberto, enquanto o indivíduo estabelece performances em contextos e situações sociais de que faz parte ou que compõem a complexidade de sua identidade virtual. Por outro lado, a identidade real, que possibilita o aflorar dos desejos e afetividades homoeróticos, tende a ser mostrada em círculos restritos em que o desviante comunga com outros. Observamos, a partir desse exemplo, o caráter fragmentário das convivências e da vida em sociedade, que vai especializando práticas sociais em lugares específicos, tornando dividida a vida para melhor governá-la.

Plummer (apud WEEKS, 1999) observa que a formação da identidade estigmatizada gira em torno dos seguintes estágios: *sensibilização* da diferença, ao ser rotulado; *significação*, quando atribui sentido à diferença e toma conhecimento das possibilidades no mundo social; *subculturização*, pelo reconhecimento de si mesmo a partir do envolvimento com outros; e *estabilização*, ou estágio de plena aceitação e fortalecimento da identidade individual.

Percebemos, dessa forma, em primeiro lugar, o caráter processual identitário, como uma construção, e, em segundo, os processos cotidianos que vão envolvendo os indivíduos, especializando/fragmentando e territorializando as relações sociais no espaço urbano. As pressões sociais são exercidas desde a sensibilização. Após isso, se estabelece a identificação dos desejos pelo que já está pronto socialmente. Mais tarde, as relações de determinado estigma ficam domesticadas em algum lugar restrito onde as práticas relacionadas a ele possam ser vividas. Nesse sentido, se processa a territorialidade, como observa Perlongher (2005), ou seja, as relações confinadas vão produzir relações próprias ao confinamento, cheias de representações e simbologias quanto aos seres que partilham dele. Isso acaba fazendo parte presente na construção subjetiva dos participantes dos lugares, produzindo elementos contidos em suas personalidades, em seus valores e em suas expressividades.

Em relação ao estigma, a identidade desviante que o compõe se dissolve e é reinventada em múltiplas territorialidades originadas das produções simbólicas e imaginárias dos indivíduos em interação localizada. Embora a territorialidade não implique localização e materialização como território, sua existência simbólica implica a realidade e o marco de convivência e de partilhamento coletivo dela.

A subculturalização remete ao processo de “guetificação”¹⁷, que possibilita o encontro com iguais e o exercício livre de práticas relacionais desviantes. Por outro lado, o gueto também representa o controle dessas práticas, restringindo sua área de exercício, privatizando-a e excluindo-a do domínio público. Nesse sentido, o gueto é um paradoxo entre liberalização e restrição de sentimentos que, no espaço público, tornam-se repudiados.

O gueto fecha-se ao social, assim como o social a ele. O gueto restringe práticas a fronteiras bem definidas e é produzido justamente pela negação que essas práticas têm na esfera pública, regrada pelo ordenamento entre o que é e o que não é aceito socialmente. Por outro lado, a convivência no gueto pode assumir preceitos políticos e de valorização da própria identidade estigmatizada. Os indivíduos que se encontram nos guetos costumam usar, assumir e valorizar palavras e atos que no espaço público soam como preconceitos e estereótipos sociais: como o uso do termo “bicha” para comunicação entre pessoas de um gueto homossexual, termo que é empregado no cotidiano social como visualização da degradação individual.

Segundo Bourdieu (1989, p. 125),

O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, construindo assim um emblema – segundo o paradigma “black is beautiful” – e que determina a institucionalização do grupo produzido (mais ou menos tolerante) pelos efeitos econômicos e sociais da estigmatização.

A produção da identidade estigmatizada perpassa o fortalecimento das condições desse estigma, segundo Goffman (1988), pois ela é construída da seguinte maneira:

- a) a introjeção do estigma;
- b) o sofrimento individual ao carregar esse estigma e a tentativa de negação da identidade estigmatizada, procurando assumir outras posturas que levariam a identificações aceitas normalmente. Isso poderá produzir dois caminhos possíveis:
 - a infelicidade ou a assunção de uma vida enfadonha e repressão do desejo – tal situação remete a contextos sociais extremamente repressores e à baixa possibilidade de guetificação homossexual¹⁸. Por outro lado, mesmo assumindo vida heterossexual, muitas vezes os desejos homoeróticos acabam sendo assumidos em atos de infidelidade;
 - o caráter inevitável desse sofrimento e a retomada da auto-identificação pelo próprio viés da identidade estigmatizada;
- c) a retomada da auto-identificação pelo próprio viés do estigma remete à possibilidade de encontrar pessoas que partilham os mesmos interesses e lugares de convivência. Nesse sentido, o desvio e a guetificação, originados pela opressão social, são fortalecidos pela assunção dos próprios indivíduos oprimidos em relação a uma identidade estanque que serve simplesmente para definir tal desvio.

Os guetos, assim, são condicionados e produtos da repressão, contribuindo para o próprio processo de ordenamento social. No entanto, as culturas produzidas nos guetos, mesmo assumindo construções sociais a partir de condições que reprimem elas mesmas, assumem momentos de fortale-

cimento da identidade e busca pela inserção no espaço público, adquirindo caminhos de luta política por grupos organizados.

No entanto, podemos verificar que, desde os anos 1970, os movimentos políticos gays foram vinculados a uma necessidade de auto-identificação de seus sujeitos (de uma cultura da assunção de uma identidade gay), estando muito comprometidos com a reprodução/consolidação dos pólos de sexualidade (hetero e homo), o que negou, de certa forma, a existência da diversidade das possibilidades sexuais humanas. A necessidade de marcar uma diferença gay, sustentada pelo movimento político, que se reproduz na publicidade gay, vai assumindo contornos culturais pautados em modelos estéticos fetichizados por uma série de estereótipos que consolidam o afunilamento das diversidades de desejos e práticas sexuais. Criam-se contornos culturais imaginários gays, que pregam a necessidade de fortalecer o movimento político e o combate à discriminação, em busca da cidadania, pela instauração de um mundo alternativo possível de vida. As práticas culturais dos guetos gays acabam extravasando e se dissipam entre os vários sujeitos homoeróticos, criando um imaginário de unidade e de uma condição existencial de luta pela cidadania em um mundo repressivo.

No entanto, mesmo querendo estabelecer a realização de uma sujeitificação e de um mundo imaginário, no Brasil, os grupos e formas coletivas gays acabam sendo muito dispersos e perpassados por inúmeros e diferenciados elementos que vão dar caráter singular à interação de seus integrantes¹⁹, diferentemente dos EUA e da Europa, já marcados por comunidades gays mais firmemente territorializadas e por contornos territoriais mais precisos. Nesse sentido, mesmo vinculada a toda uma publicidade que envolve a formação de um mercado gay e de um movimento político em busca da cidadania, a “comunidade gay brasileira” acaba sendo mais definida como redes ou circuitos de interações homoeróticas microterritorializadas nos espaços das cidades brasileiras. Essas microterritorializações dos desejos e interações homoeróticas vão se caracterizar pela diversidade de expressões, estéticas, comportamentos e posturas de seus integrantes.

Como vimos, nos anos 1980, a AIDS foi em muito representada como uma “epidemia gay”. Esse fato produziu uma ruptura social do movimento político gay e sua luta pela cidadania. A doença, ao mesmo tempo em que aumentou os debates sobre a sexualidade, fez também aumentar o estigma

homossexual. Nesse contexto, produziram-se múltiplas fugas homoeróticas de uma pretensa sujeitificação/unificação da sexualidade sob a proposta gay. Os contornos culturais dos guetos e/ou das microterritorializações gays se tornam ainda mais indefinidos do que já eram. Os impulsos desejan-tes homoeróticos acabam convergindo para inúmeros possíveis contornos imaginários em relação a uma realidade que transita de forma instável entre a repressão e a livre expressão²⁰.

As redes dos circuitos gays nas cidades brasileiras, assim como as microterritorializações de encontros homoeróticos, tornam-se diversamente transitórias e múltiplas quanto aos caracteres estéticos, comportamentais e de formas de interação que agregam. A eles convergem, como criações imaginárias da realidade, inúmeros elementos expressivos da dialética repressão/liberdade que o momento histórico contém. Transitam, como elementos culturais dessas microterritorializações homoeróticas, representações de uma realidade que ora contém a aproximação a normalidade social, ora afasta-se como tomada de contestação.

Nesse sentido, múltiplos contextos interacionais territorializados se tecem, cada um é um momento/espço específico da dialética ordem/ norma/ desvio/ liberdade/ espontaneidade. Por outro lado, como também vimos na primeira seção deste capítulo, a teoria/movimento *queer* vê no movimento cultural gay justamente o *pastiche*, e não a unidade. Talvez o que se defina como gay seja a realização de uma explosão de possíveis imaginações de mundo que se libertam, povoando a realidade em diferentes contextos de interação, movimentados pelos desejos homoeróticos. Gay, nesse sentido, teria um caráter de expressão latente, mutante e instável, mais vinculada à diversidade e à alteridade de expressões do que propriamente a uma unificação cultural. Nesse sentido, o entendimento dessa cultura somente poderia ser apreendido pela diversidade que ela agrega, ou seja, pelas formas de expressão de agregados humanos homoeróticos microterritorializados no espaço urbano.

Nesse contexto histórico também observamos que os regramentos morais contidos nas interações cotidianas das instituições e dos discursos sociais acabam afrouxando-se perante a própria deslegitimação dessas instituições e desses discursos. Como discutimos, a disciplinarização entra em crise em virtude da emergência de uma "era" de busca da felicidade e de

responsabilidade individual em se obtê-la. Aos poucos, a disciplina, na atualidade, vai sendo substituída pelo controle dos parâmetros de felicidade e pela aguda depressão de quem não consegue ser. Os projetos de desempenho social desdobram-se na necessidade de autopromoção criativa dos sujeitos²¹. O sucesso individual e o senso atual de incentivo à criatividade possibilitam que o trabalho de imaginação prevaleça sobre a realidade racional (perante os rígidos moralismos e as determinações de instituições sociais arcaicas). O homem contemporâneo, espera-se, deve mudar constantemente e atualizar seus conceitos, uma vez que a sociedade contemporânea apresenta-se marcada pelo consumo e pela inovação.

A inovação permeia o tecido social e constrói múltiplos sujeitos. A “inovação que consome inovação” estabelece patamares e modelos de sucesso e de felicidade que se instabilizam a cada instante. Nesse dinamismo mutante e desenfreado, tudo pode ser/ter chance de sucesso e promover felicidade, uma vez que pode se apresentar como inovação. Nesse processo, tudo se mistura e tudo pode tornar-se possível e fonte de felicidade. Assim, observamos a explosão de possibilidades expressivas, nas quais os desejos acabam sendo elementos importantes ao sucesso e à felicidade humana (atrelada ao consumo de inovação). Nesse dinamismo, qualquer barreira autoritária, que impeça a fluidez das alteridades dos desejos, deve ser combatida, ou seja, tudo que seja autoritário e procure se perpetuar é visto com desconfiança. Por outro lado, ao mesmo tempo em que a felicidade se dissipa pelo desejo em/e pela inovação, torna-se muito fácil ser infeliz. A infelicidade permeia também um tecido social regido pela sagacidade em se inovar (inovação de si mesmo). Conforme Prata (2004), no mundo contemporâneo, a histeria é substituída pela depressão. Se a primeira estava relacionada à repressão disciplinar das rígidas instituições sociais, a última estaria relacionada à instabilidade e à insegurança em um mundo em que tudo que seja estável e rígido é tido como antiquado e autoritário. Conforme Baumann (2001), o homem na modernidade se abstém do desejo em troca da segurança (do desempenho individual em relação à estabilidade das instituições sociais). Segundo o autor, na emergência da pós-modernidade, o desejo é o que prevalece, ou seja, o desejo movimentado pelo caos do mercado. O homem tende a abster-se dos rígidos instrumentos de controle sobre seus desejos (da segurança promovida pela vida social regida pela racionalidade insti-

tucional) em troca da felicidade em poder exercê-los. Em meio à crise das instituições sociais, o homem se vê responsável por si em sua saga por felicidade, que acaba sempre se tornando insuficiente em virtude do incrível dinamismo existente em relação ao consumo de inovação e do acréscimo que isso representa para as exigências de “mais-felicidade”. Assim, múltiplos contextos de infelicidade também são produzidos em meio a complexos e múltiplos modelos de felicidade. A felicidade, nesse dinamismo, também é revelada pela desigualdade em se obtê-la, em virtude da incapacidade de todos igualmente otimizá-la e de se atualizarem permanentemente na mutabilidade criativa das inovações que a promovem.

O trabalho de imaginação tende a criar a realidade contemporânea. O homem imagina e cria contextos de inovação que promovem patamares e modelos diversos de exercício de seus desejos que o tornam momentaneamente feliz. Por outro lado, o homem precisa também inventar/imaginar outras possibilidades de existência quando se encontra infeliz em não ter acessado/sido a inovação. Nesse sentido, a sociedade apresenta-se mais por seus contextos múltiplos de imaginações que se tornam realidades, do que por um todo racional, lógico e unificado. O que se apresenta, então, é um espaço social caótico e orgânico de criação de uma infinidade de realidades provenientes da imaginação dos homens em interação e em busca de felicidade. Nesse caos tudo é possível, mas também tudo é desigualmente possível para a promoção da felicidade. Não ser/estar feliz hoje se apresenta também como uma autoritária repressão. Não ser feliz, perante uma sociedade que obriga o indivíduo a ser, implica afundar-se na depressão. Assim se fundam as “separações” no mundo atual, como contextos diversos de felicidade e de infelicidade dos sujeitos responsáveis por si mesmos. Nesses contextos, rígidas normas identitárias perdem terreno ao experimento, à inovação e ao desejo.

Nesse sentido, em relação aos desejos homoeróticos, contextos diversos (quanto à possibilidade de expressão deles, quanto às formas de interação coletivas e quanto aos elementos/formas estéticas dos corpos) são existências não mais reprimidas, desde que se vinculem a parâmetros ótimos e necessários de felicidade e inovação. Em vez de visualizarmos uma condição social desviante unificada, parâmetro da bimodalidade heterossexual e homossexual, hoje podemos perceber inúmeras realidades que

vinculam expressões homoeróticas à felicidade de autopromover-se em relação ao consumo de inovação (estética e criativa). Sujeitos e microcoletividades homoeróticas tornam-se desiguais nesse dinamismo, condicionando-o em múltiplas “realidades-imaginárias” entre ser/estar feliz ou infeliz, ou seja, apresentam-se em múltiplas agregações microterritorializadas de acesso às condições de felicidade ótimas. Em meio a circuitos espaciais e à diversidade de expressões individuais e coletivas, múltiplas segregações/separações e diferentes realidades de discriminação e de livre exercício da sexualidade podem ser observadas em virtude dos parâmetros de sucesso, felicidade e inovação que o momento adquire. Assim, podemos visualizar toda a alteridade existente nas interações homoeróticas e toda a diversidade de possíveis territorializações dessas interações, em virtude das condições de felicidade que elas possam realmente expressar.

Notas

¹ No texto de 1913, **L’homoérotisme: nosologie de l’homosexualité masculine**.

² De acordo com Costa (1992), após o término da Santa Inquisição e a cunhagem do termo médico “homossexual”, os desejos homoeróticos passam de instintos perversos a uma patologia sexual. No próprio século XIX, assim como na continuidade do século XX, a patologia começa a ser tratada pela literatura “sobre o amor que não ousa dizer o nome” - no dizer de Oscar Wilde. Assim, o homossexual torna-se discutido e “sujeitificado” por inúmeros atributos humanos que expressa, como, por exemplo, em Gide, um ser atormentado sobre sua incapacidade de conter seus instintos sexuais (homoeróticos).

³ Parker (2002) argumenta que o movimento social gay culmina na organização de comunidades gays, como as de bairros das grandes cidades americanas, européias e australianas. Por outro lado, o autor verifica que no Brasil o discurso comunitário implicou mais em uma imaginação sobre um conjunto populacional grande, mas disperso geograficamente, sem a produção de espaços contínuos e de concentração gay, como nas regiões anteriormente citadas.

⁴ A comunidade aqui representa o agir em relação à agregação informal e afetiva, que difere do agir em sociedade, no qual Weber (1995) aproxima os propósitos funcionais e dotados de instrumentalidade no cotidiano burocrático e prático dos papéis sociais. Nem a razão nem a função constituem os traços da agregação, mas a afetividade contida subjetivamente nos indivíduos em interação. A comunidade aqui aparece concretamente, como os bairros gays de algumas grandes cidades

americanas, como talvez a imaginação de uma população que, mesmo dispersa, partilha os desejos homoeróticos.

⁵ A estética gay converge muito para a alteração e subversão dos padrões de gênero sexual, na forma de vestir-se e em comportamentos relativos ao corpo e nas interações entre indivíduos. Os prazeres gays valorizam a atratividade pelo mesmo sexo, enfatizando partes do corpo desejadas, fato que vai marcar a forma de vestir-se e pontuar a maioria dos assuntos em grupos de amizade. A linguagem gay implica criações, simbologias e gestos que envolvem os prazeres sexuais e a necessidade de expressá-los, como gestos erotizados sutis no momento da paquera, uso de expressões específicas para determinar situações sexuais nas conversas entre amigos e assim como tipos de acessórios que vão definir os gostos do indivíduo durante o ato sexual. Pollak (1983) identifica, entre muitas comunidades gays norte-americanas, o uso de anéis em determinadas posições para identificar o ativo e o passivo. Por outro lado, a necessidade de marcar partes do corpo masculino vai sugerir atrações diferenciadas, assim como o fetiche gay por determinadas expressões masculinas faz transitar indivíduos que se usam de determinadas estéticas para erotizar seu próprio corpo, assim como aproximação ao objeto desejado. A cultura gay, por sua vez, vai condicionar-se em muitas expressões convergentes às festas gays contidas em bares e boates a partir dos anos 1970. Nesses lugares, a *drag queen* vai expressar a reinvenção e o exagero da estética feminina, como um deboche às determinações de gênero. Os shows de *drags* vão expressar o deboche e a ironia quanto a situações da vida cotidiana repressiva, principalmente o sarcasmo quanto a heterossexuais, assim como as próprias situações envolvendo o homoerotismo. Outro ponto que converge à cultura gay contida nas festas do gueto é o culto a artistas femininos que se tornam divas, sendo reinventadas nos shows de transformismo, assim como o culto à dança (*dance music*), como expressão de liberdade contida e como elemento de expressão dos desejos quanto ao corpo.

⁶ Tomamos a liberdade de não grifar termos como “bicha”, “bofe”, entre outros, embora não sejam, para um trabalho acadêmico, considerados próprios da linguagem que se espera de tal gênero de texto.

⁷ Para Perlongher (1987), a “deriva” espacial, ou o perambular pelo espaço público, procurando alguma experiência sexual em lugares inusitados ou já evidentes como lugares de encontros homoeróticos, apresenta-se como uma importante característica de sujeitos *same sex oriented*.

⁸ O filme “O Einstein do Sexo” mostra a existência de reuniões homoeróticas no início do século XX, por entre elementos da burguesia, cuja estética transgênero já ocorria, assim como a existência de lugares mais específicos na cidade, como praças e ruas, cujos indivíduos homoeróticos se encontravam para atos sexuais. O filme “Madame Satã” nos remete ao Rio de Janeiro antes dos anos 1960, em que se verifica que o trânsito de indivíduos homoeróticos estava presente de forma difusa entre bares da região boêmia da cidade, como a Lapa, antes da formação

de uma rede de lugares específicos de reunião e consumo gays. Parker (2002) observa que, antes do surgimento do mercado gay, indivíduos orientados para o mesmo sexo circulavam camufladamente (ou não, como, por exemplo, a forma explícita de muitos travestis que também estavam presentes nesse contexto, como Madame Satã) por entre as regiões de boemia e acabavam concentrando-se em algum bar ou ponto dessas regiões.

⁹ Trevisan (2000) e Costa (2002) argumentam sobre a influência artística dos anos 1960 e 1970 na construção do imaginário gay. Muitos personagens da música pop acabam sendo acatados como expressões gays, principalmente pela indefinição em relação às rígidas estéticas de gênero sexual. Artistas como David Bowie, Mick Jagger, Caetano Veloso e Ney Matogrosso tornam-se figuras referenciais da estética desse imaginário. As reuniões gays, mesmo antes da construção de um mercado gay, que vai reunir um conjunto de bares específicos a essa convivência, vão transitar pelo clima de festa e de orgia, no qual a transgressão e a reinvenção dos atributos valorizados socialmente, assim como os não valorizados, são fundamentos dessa cultura. Na música dos anos 1970 e 1980 as expressões artísticas vão acatar esse ímpeto transgressor e fazer extravasar pela mídia e pelo mercado cultural. Muitos artistas emergem dos bares e lugares de encontros homoeróticos e vão propor uma estética alternativa condizente às necessidades homoeróticas de ironizar aquilo que reprime esse sentimento. Assim como a festa, a liberdade momentânea e o brilho, em meio a um cotidiano imerso em repressão, acabam sendo valorizados (ver Gloria Gaynor, Village People, Gengis Kan, nos anos 1970, e Madonna, Pet Shop Boys, Erasure, entre outros, nos anos 1980).

¹⁰ Embora as preferências entre “ativo” e “passivo” no ato sexual persista como um atributo de aproximação afetiva entre as pessoas, o tipo igualitário dá ênfase ao encontro sexual de dois homens cujos traços comportamentais estão de acordo com os atributos do gênero masculino heterossexual, coisa que pode implicar até mesmo em um preconceito com o efeminamento que se aproxima da figura da *bicha*. No entanto, não conseguimos observar uma polarização quanto a esse tipo de comportamento nas relações homoeróticas de que participamos. O efeminamento e a masculinização acontecem em circunstâncias diversas: muitos homens que prezam a distinção da masculinidade podem, em alguns momentos festivos entre amigos “gays”, apresentarem e liberarem comportamentos efeminados, outros nunca o fazem e outros gostam de marcar esse traço em todas suas relações. Costa (2002) explica esses comportamentos como um atributo de auto-afirmação em relação às experiências repressivas da pessoa, assim como reprodução festiva daquilo que é tido como desvio pela sociedade. Nesse sentido, o efeminamento transita como um comportamento ora de ironia e transgressão à sociedade repressora e rígida (que contém as determinações de gênero sexuais) ora de celebração à liberdade e à condição gay (auto-afirmação de uma cultura desviante, como visto em Bourdieu, 1989). A idéia de Fry (1982) talvez sim implique na determinação da rigidez dos gêneros sexuais, contaminando as relações homoeróticas, algo típico das relações existentes na

cultura brasileira; porém, as sobreposições culturais estabelecidas pela introdução no mercado da cultura gay norte-americana no Brasil, a partir dos anos 1970, produziram uma complexidade de situações e de representações dos corpos homoeróticos quanto ao efeminamento e à masculinização. O efeminamento talvez implique na celebração da festa e dos ícones gays, muito contida na figura da *Drag Queen*, mas a masculinização talvez também implique o culto ao corpo masculino e à valorização dos atributos de gênero que tanto atraem sexualmente homens *same sex oriented*. Essas duas condições vão emergir em situações diferenciadas quanto às relações coletivas existentes, implicando assim numa condição da territorialização da situação, assim como na propensão individual, também mutável e instável, a tais comportamentos. Em relação ao nosso trabalho, podemos distinguir duas situações territoriais em relação a essa questão, assim como em Costa (2002): a territorialização amigável homoerótica em boates e bares gays vai implicar uma aproximação ao efeminamento de muitos componentes do grupo, assim como a acidez e o sarcasmo nos assuntos e a ironização quanto às situações do cotidiano. As territorializações de busca sexual implicam, quase sempre, na manutenção de posturas masculinizadas, como atrativo ao provável parceiro. Por outro lado, muitos sujeitos também podem marcar o efeminamento e a condição passiva em suas expressões, tornando a situação de busca sexual marcada pela preferência quanto à distinção de papéis sexuais no ato.

¹¹ *Positive Gay* foi um movimento contido na mídia e cinema gay norte-americano durante os anos 1990. Constituiu um esforço de publicitários, artistas e cineastas de produzir programas e filmes que romantizassem e valorizassem expressões gays, no intuito de aproximá-las e torná-las mais aceitas perante a sociedade.

¹² Os desejos homoeróticos vão transitar por entre as estéticas que se acumulam quanto ao masculino, muito divulgadas e exploradas comercialmente desde a segunda metade do século XX, assim como os determinantes de gênero estabelecidos pela heterossexualidade. Por entre esses desejos, identificações (quanto à expressão do corpo em vestimentas, acessórios e comportamentos) vão estabelecer o teor de atratividade homoerótica, fundando expressões corporais e reuniões grupais de diversas formas de expressar o homoerotismo, muitas delas confundindo expressões gays com outras não especificadamente de origem homoerótica: como estéticas que envolvem os *skatistas*, os *punks*, os *hip-hop*, os *motoqueiros*, os *fisioculturistas*, os *roqueiros*, os *executivos*, ente outras estéticas masculinas possíveis.

¹³ Esse trabalho tem como preocupação central explicar isso, ou seja, a territorialização homoerótica sendo condição essencial a sua existência.

¹⁴ De acordo com Mott (1988), a Santa Inquisição perseguia homens que sentiam prazer de copularem com outros homens por via anal, desejo totalmente contrário aos fundamentos da civilização cristã, que foram motivados pela procriação para expansão populacional da fé, das políticas e dos ideais cristãos

e visavam à construção social familiar e às condições dos gêneros sexuais masculinos e femininos.

¹⁵ Ver o *site* do grupo gay da Bahia: www.ggb.org.br.

¹⁶ O filme *Bent* mostra bem isso.

¹⁷ Tonely e Perucchi (2006) observam que a palavra *guetto* encontra-se no clássico “*The Guetto*” de Wirth, de 1969, referindo-se aos bairros gays e lésbicos de Nova Iorque, Chicago e São Francisco, nos EUA. No entanto, conforme Perlongher (1987), os “*guettos*” no Brasil não se referem a contornos de bairros e comunidades politicamente organizadas como nos EUA, mas lugares-enclaves de encontros e de paqueras.

¹⁸ Podemos pensar na maior dificuldade de expressão dos desejos homoeróticos em ambientes rurais ou pequenas cidades do interior do Brasil. A cidade, quanto maior, mais diversa culturalmente é, torna as expressões homoeróticas somente mais algumas entre as tantas possíveis. Algumas pessoas com quem conversamos no decorrer desta pesquisa relatavam suas dificuldades em exercer livremente seus desejos homoeróticos quanto residiam fora de capitais como Porto Alegre e Manaus. As relações homoeróticas em cidades do interior brasileiro, como no caso de Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul, e Anori, no Amazonas - cidades de origem de dois amigos com quem podemos compartilhar discussões e histórias de vida - apresentam poucas possibilidades de compartilhamento coletivo e reunião afetiva de indivíduos orientados para o mesmo sexo. As relações homoeróticas acabam transitando entre a normalidade heterossexual, contendo inúmeras situações de conflito, dúvida, preconceito e discriminação entre os indivíduos que as exercem. A cidade grande, contendo lugares de reunião homoerótica e possibilitando relações coletivas de livre expressão dos desejos homoeróticos, acaba sendo muito atraente a tais indivíduos, e o próprio desejo acaba sendo o propósito de seus deslocamentos e mudança de residência (como mostra bem PARKER, 2002). Além desses dois amigos, também conhecemos um advogado e um sargento do exército. Ambos moravam em cidades da campanha gaúcha, onde mantinham uma preocupação quanto a velar os desejos homoeróticos. Esses amigos esporadicamente se deslocavam a Porto Alegre e freqüentavam os lugares de convivência homoerótica procurando encontrar parceiros sexuais e amizades. Ambos alegavam não ter nenhum amigo “gay” nas cidades em que viviam, construindo grupos de amizade somente em Porto Alegre. O advogado apresentava muita preocupação quanto à revelação de sua condição à família. O militar, sendo de origem nordestina, não tinha família na cidade em que morava há seis anos, mas se preocupava muito com o preconceito dentro da instituição que fazia parte, além de perceber que sua cidade apresentava um círculo social muito fechado em que todos se conheciam. Outro fato também foi conhecer algumas pessoas que aproveitavam alguns eventos regionais, como a *Expinter* em Esteio, para freqüentar os lugares de freqüência homoerótica. Tivemos a oportunidade de encontrar duas pessoas: na *Redenção*, encontramos um jovem estudante de Santa Maria, que aproveitara a oportunidade da *Expinter* para

procurar alguma experiência homoerótica em Porto Alegre, encontrando-a no parque; no Eróticos Vídeos, a transformista, no início da noite de uma quarta-feira, apresentou um senhor de aproximadamente 50 anos de idade que se dizia fazendeiro do interior gaúcho, casado e pai de três filhos. Tal senhor alegou vir pouco à capital, mas sempre que vinha procurava o Eróticos Vídeos e “aventurava-se” pelos “labirintos” do lugar procurando alguma experiência homoerótica.

¹⁹ Perlongher (1987) e Parker (2002) nos mostram como no Brasil torna-se difícil demarcar a existência de uma comunidade gay mais consolidada, e sim uma diversidade de experiências territorializadas em circuitos gays existentes em todas as grandes cidades brasileiras. Em São Francisco (EUA), esta comunidade tem um contorno mais bem definido no bairro Castro.

²⁰ Costa (2002), Parker (2002) e Braga Jr. (2006) analisam a diversidade de formas de convivência e expressividades homoeróticas existentes nas cidades brasileiras. Costa (2002) atenta para Porto Alegre e Parker (2002) para o Rio de Janeiro e Fortaleza. Braga Junior (2006) discute o *pastiche* gay como sintoma da diversidade contida nessa pretensa unidade cultural. Em nossas experiências participativas continuadas em Porto Alegre, assim como outras mais breves em cidades como Manaus, Florianópolis, Curitiba e Rio de Janeiro, verificamos que, a cada microterritorialização homoerótica formada, as definições estéticas e comportamentais são singulares. Mesmo quando os sujeitos se repetem nos lugares visitados, tais lugares acabam forçando a uma produção de uma postura quanto à estética, ao comportamento, ao tratamento do corpo e aos gestos e aos assuntos a discutir. Em um primeiro momento, as estéticas de gêneros sexuais podem misturar-se, ou tornarem-se caricaturas, ou, até mesmo, serem exacerbadas. As microterritorializações desses convívios transmitem o grau em que esses elementos são reinventados, exacerbados ou normalizados. Por outro lado, muitas outras estéticas e comportamentos distantes do que seria a representação de gay acabam misturando-se em determinadas convivências territorializadas, como, por exemplo, os elementos urbanos *surf, rock, dark, reggae, emo, retrô*. Braz (2006), por exemplo, analisa o universo homoerótico *leather*. Atualmente ocorrem muitas festas temáticas voltadas a um público essencialmente homoerótico, mas cuja agregação não se fundamenta somente pelo desejo, mas pelos estilos de música e de expressões artística que cultuam. Muitos sujeitos homoeróticos também acabam negando e mantendo repúdio a qualquer vínculo estético e prática cultural que se vincule a alterações quanto às definições de gênero masculino, denotando gosto a beleza do masculino, e a práticas esportivas que possibilitem a expressão dessa beleza: no Rio de Janeiro, muitos adeptos do surf e/ou da musculação se territorializam em partes das praias para manterem afetividades homoeróticas, assim como em Manaus a prática do voleibol na Praia da Ponta Negra também é permeada pelas afetividades homoeróticas desse tipo. Não há necessidade aqui de argumentar sobre cada realidade expressiva de agregados territorializados homoeróticos, porém é importante frisar que o desejo homoerótico pode ser o

motivo da agregação, mas inúmeros outros elementos podem contribuir para sua diversificação. Outro fator evidente, analisado também em Costa (2002), é a capacidade de indivíduos *same sex oriented* experimentarem inúmeras situações de reunião homoafetiva, mantendo a curiosidade quanto à diversidade de possibilidades relacionais que possam viver. A necessidade do experimento e de investimento homoerótico em situações inusitadas e/ou condições de reuniões estéticas e comportamentais múltiplas acaba produzindo um constante processo de reinvenção quanto aos fatores de atração de indivíduos *same sex oriented*, tornando esse mundo cada vez mais complexo.

²¹ Em relação aos projetos de desempenho havia parâmetros morais que os regravam, no qual os sujeitos deveriam ser disciplinados em relação a normativas que organizariam suas vidas. Em relação ao controle dos parâmetros de felicidade, o prazer do consumo (desordenado e amoral - muitas vezes imoral quanto a muitos padrões passados) e o sucesso egoístico e individualista tende a cada dia reger a vida em sociedade. Antes o sofrimento era originado pela dor da castração e da repressão, agora a depressão em não se “obter” (consumo, felicidade e sucesso) é sinônimo de marginalização. Nesse sentido, o indivíduo acaba sentindo-se como sendo o único causador de seu sofrimento.

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENT. Direção: Sean Mathias. Produção: Gina Carter. Intérpretes: Mick Jagger, Clive Owen, Brain Webber, Lothaire Bluteau, Nikolaj Waldau. Roteiro: Martin Sherman. Música: Philip Glass. Inglaterra, 1997. Distribuição: Film Four International.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA JUNIOR, L. F. **Caio Fernando Abreu**: narrativa e homoerotismo. 2006. Tese (Doutorado em Literatura). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BRAZ, C. A. de. Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 7., 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em <http://www.artnet.com.br/~marko/camilo1.htm>. Acesso em maio de 2007.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, B. P. da. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre.

COSTA, J. F. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

- FORTUNA, C. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 33, fev. 1997.
- FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GARCIA, O. R. Z. Prática sexual entre mulheres: identidade ou pluralidade sexual? **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. Florianópolis: PPGICH-UFSC, n. 56, 2003. (disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno56.pdf>). Acesso em maio de 2007.
- GIDDENS, A. **Identidade e modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- GREEN, J. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- GREEN, J.; TRINDADE, R. São Paulo anos 50: a vida acadêmica e os amores masculinos. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Orgs.) **Homossexualismo em São Paulo**: outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- GUIMARÃES, M. Relação de afeto e direitos: preconceito e violência contra homossexuais exigem criação de leis para proteger cidadãos. **Revista Psique, Ciência & Vida**. São Paulo, a. II, n. 16., Escala, 2007.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HEILBORN, M. L. Ser ou estar homosexual: dilemas da construção da identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1986.
- LACERDA, M; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: reflexões e crítica**. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Psicologia UFRGS, v. 1, n. 15, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a18v15n1.pdf>> Acesso em maio de 2007.
- LOURO, G. L. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: CFCH/CCE-UFSC. V. 9, n. 2, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em maio de 2007.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MONTEIRO, M. O homoerotismo nas revistas Suis Generis e Homens. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES UNIVERSITÁRIOS, 2., 2000, Rio de Janeiro. Literatura e homoerotismo. **II Encontro de Pesquisadores Universitários**: uma agenda para os estudos gays e lésbicos no Brasil. Rio de Janeiro: UFF, Instituto de Letras, 2000. (Disponível em <<http://www.artnet.com.br/~marko/ohomoero.htm>>)

MOTT, L. **O sexo proibido**: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição. Rio de Janeiro: Papyrus, 1988.

PARKER, R. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. São Paulo: Record, 2002.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê**: a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Territórios marginais. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Org.) **Homossexualismo em São Paulo**: outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

POLLAK, M. A homossexualidade masculina ou: a felicidade no gueto? In: FOUCAULT, M. **Sexualidades ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983.

PRATA, M. R. Da norma disciplinar à iniciativa: os processos subjetivos e os parâmetros normativos contemporâneos. In: PEIXOTO JÚNIOR, C. A. (Org.) **Formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

SILVA, J. F. B. da. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Orgs.) **Homossexualismo em São Paulo**: outros escritos. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.

SÍVORI, H. F. Resenha: LEAP, W. (Org.) **Public Sex, Gay Space**. New York: Columbia University Press. MANA: Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPG Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 2002, v. 8, n. 2, 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000200010&script=sci_arttext. Acesso em maio de 2007.

TONELLY, M. J. F.; PERUCCHI, J. **Territorialidade homoerótica**: apontamentos para estudos de gênero. Psicologia e Sociedade. Porto Alegre: Associação Brasileira de Psicologia Social, 2006, v. 18, n. 3. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-1822006000300006&script=sci_arttext. Acesso em maio de 2007.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

UNIDOS pela causa: processo histórico moderno estabelece visibilidade para o movimento gay. **Revista Psique, Ciência & Vida**. São Paulo: Escala, a. II, n. 16, 2007.

VALLERSTEIN, I. As agonias do liberalismo: as esperanças para o progresso. In: SADER, E. (Org.) **O mundo depois da queda**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.